

---

## Relações entre jornalistas e dispositivos móveis: redações jornalísticas mediatizadas na Suécia pós pandemia de covid-19<sup>1</sup>

Marcio Morrison Kaviski MARCELLINO<sup>2</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### RESUMO

O presente artigo científico é fruto de uma pesquisa doutoral sanduíche e é oriundo da seguinte pergunta de pesquisa: de que forma as relações entre jornalistas e dispositivos móveis na Suécia alteram as práticas e os processos nas redações de jornalismo pós covid-19 em um ambiente mediatizado? O objetivo do trabalho, portanto, é identificar como a pandemia remodelou as redações de jornalismo na Suécia e de que forma as práticas e processos sociais foram impactadas no contexto da mediatização. Para responder as indagações de pesquisa, metodologicamente, o trabalho apresenta sete entrevistas em profundidade com profissionais que trabalham com jornalismo em Estocolmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** redações jornalísticas; mediatização; entrevistas em profundidade; redações mediatizadas;

### INTRODUÇÃO

O presente artigo científico é o recorte internacional da minha pesquisa doutoral sanduíche realizada entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023 em Estocolmo, Suécia. O trabalho se norteia pela seguinte pergunta de pesquisa: de que forma as relações entre jornalistas e dispositivos móveis, na Suécia, alteram as práticas e os processos nas redações de jornalismo pós covid-19 em um ambiente mediatizado?

Para isso, o objetivo do trabalho é identificar como a pandemia remodelou as redações de jornalismo na Suécia e de que forma as práticas e processos sociais foram impactadas no contexto da mediatização. Como objetivos específicos neste artigo temos: a) compreender de que forma os atores sociais estão presentes no processo de produção de notícias na Suécia; b) investigar o processo de mediatização das relações entre jornalistas e dispositivos móveis na Suécia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Email: marciomorrison@hotmail.com

---

Como movimento teórico de discussão, o trabalho se insere no contexto do jornalismo midiaticado como ponto central da discussão. Ou seja, apesar de retratar as relações de jornalistas com dispositivos móveis e, principalmente, as mudanças nas redações, o foco central da discussão está no paradigma da midiaticação. Compreendemos que há uma vasta história de estudos brasileiros e internacionais sobre o impacto dos dispositivos móveis nas redações e nas práticas jornalísticas, porém, há aqui uma aderência ao fenômeno da midiaticação e a linha de pesquisa na qual o trabalho está inserido no Programa de Pós Graduação. Vale ressaltar que na tese são discutidos autores que retratam aspectos do jornalismo e dispositivos móveis como Susana Barbosa, Fernando Firmino e Canavilhas.

Para responder os anseios e indagações propostos pelo trabalho, metodologicamente, o artigo se baseia em entrevistas em profundidade com jornalistas que atuam na Suécia, mais especificamente na capital, Estocolmo. Ao todo, foram entrevistados 7 jornalistas que trabalham em veículos como Dagens ETC, T&T, Sveriges Radio e um freelancer. Como exposto anteriormente, as entrevistas ocorreram entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023.

É importante ressaltar que esse é apenas um recorte do trabalho que irá realizar uma analogia entre o retrato sueco e brasileiro. As entrevistas brasileiras irão ocorrer no segundo semestre de 2023.

## **MIDIATIZAÇÃO E JORNALISMO**

Teoricamente o trabalho se propõe em estabelecer uma relação entre a midiaticação e o jornalismo para debater o fenômeno das redações pós pandemia de Covid-19 e as relações entre jornalistas e dispositivos móveis. Vale ressaltar que a midiaticação se insere nesse contexto pois se preocupa com as mudanças das práticas e dos processos sociais em nossa sociedade com a vigência das tecnologias ao longo do nosso tempo.

O primeiro conceito da midiaticação que abordaremos neste artigo é o de ambiência. Pedro Gilberto Gomes (2017) afirma que as novas tecnologias são inseridas em um jogo de fragmentação do habitat cultural. Para o autor,

aceitar a midiaticação como um novo modo de ser no mundo coloca a sociedade numa nova ambiência que, se bem tenha fundamentado no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal. Mesmo que as mediações material e simbólica estejam unidas no processo de midiaticação, essa não é um passo a mais num processo

---

evolutivo, mas um novo qualitativo, síntese na dialética sujeito/objeto (GOMES, 2017, p. 94).

Antônio Fausto Neto (2007), na mesma perspectiva que Pedro Gilberto Gomes, aponta para o impacto de uma nova ambiência nas rotinas produtivas do jornalismo Para o autor, “hoje, diante do impacto da sociedade da midiatização enquanto uma nova ambiência a produção jornalística se realiza através de dispositivos de produção de sentido mais complexos” (FAUSTO NETO, 2007, p.121).

O uso de dispositivos móveis (ou dispositivos técnicos seguindo a proposta do autor) afetam as redações de jornalismo em processos que são culturais e discursivos e, em decorrência, os seus usos pelos jornalistas também é afetado por essas lógicas. O que vemos, na ambiência da midiatização, são jornalistas se adaptando culturalmente e socialmente as novas tecnologias. O uso dos dispositivos móveis como celulares, por exemplo, é um fenômeno que vai além do social, se torna cultural e antropológico, é parte do contexto em que vivemos e parte de quem somos como sociedade.

Um ponto relevante nas discussões do jornalismo midiatizado é a alteração das relações entre atores sociais e jornalistas. Para os teóricos da midiatização, há uma inversão no papel dos atores sociais que agora são parte importante de jogos de produção de sentido nas redes sociais, modificando as práticas e processos dos jornalistas dentro das redações e das dinâmicas profissionais.

A partir dessa nova perspectiva dos atores sociais, Ana Paula da Rosa (2016, p.77) apresenta o conceito de Fagia Midiática, para a autora, “a Fagia Midiática é o movimento de ascensão do Ator Social, quando este chega ao Dispositivo Midiático Jornalístico que consome, digere, aquilo que foi produzido no espaço individual”.

A autora destaca, porém, que a Fagia midiática não é o reconhecimento do ator social acionado por dinâmicas discursivas de sentido, ela é reflexo de uma crise do próprio jornalismo que consome esses conteúdos e deixa a apuração da notícia para um segundo plano.

O artigo, porém, se mostra relevante e se baseia justamente na falta de estudos da midiatização do jornalismo que explorem práticas e processos que vão além das discussões referentes ao aspecto dos atores sociais. Inúmeras práticas e processos sociais foram alterados com a tecnologia ao longo do tempo nas redações e no próprio ato de fazer jornalismo.

---

## PERCURSO METODOLÓGICO

Para compreender o que o artigo busca enquanto pesquisa, foi necessário realizar entrevistas em profundidade com profissionais que trabalham em redações de jornalismo na Suécia. Por se tratar de uma pesquisa no paradigma da midiatização com o foco no jornalismo, as entrevistas foram importantes para compreender de que forma as redações de jornalismo e os dispositivos móveis afetam culturalmente e discursivamente as práticas e processos.

Claudia Lago (2010), em uma perspectiva da metodologia no campo comunicacional, aponta que o ouvir acontece em entrevistas em profundidade, mas também, em diálogos casuais em que o pesquisador observa o sentido das ações, rituais e significados do grupo observado.

As sete entrevistas foram realizadas com os profissionais de três redações diferentes e com um jornalista freelancer. Segundo Claudia Lago (2010), não há um número pré-determinado de pesquisados para utilizar o método. Segundo a autora, “o número de informantes que serão ouvidos dependerá da pesquisa realizada, do objeto em questão, enfim, do feeling do pesquisador (LAGO, 2010, p. 52). A autora complementa que o mais importante do processo é que a escuta seja feita o mais aberta possível.

Neste artigo, partimos do princípio de que as relações entre jornalistas e dispositivos móveis são parte das práticas e processos sociais vigentes em uma sociedade midiatizada<sup>3</sup>. Aqui, como dito anteriormente, compreendemos essas relações como uma manifestação antropológica-social-comunicacional que atinge diversas camadas do tecido social. Em outras palavras, o elo entre os seres humanos e os dispositivos móveis tem, em ritmo exponencial, se tornado indivisível. Porém, nosso objetivo com as entrevistas era, no entanto, identificar especificamente de que forma esse fenômeno remodela as práticas e as redações jornalísticas na Suécia.

A partir disso, as sete entrevistas realizadas foram importantes para reafirmar que as relações entre jornalistas e dispositivos móveis como um fenômeno global. Um dos primeiros pontos de destaque é a forma como os dispositivos móveis tornaram o jornalismo instantâneo e rápido. Lars Larsson, por exemplo, afirma que o jornalismo é mais ágil e o uso dos celulares favorecem essa dinâmica.

---

<sup>3</sup> Obviamente compreendemos que existem níveis e momentos midiatizados distintos em nossa sociedade. A midiatização que ocorre na Suécia, por exemplo, é diferente da midiatização que ocorre em países em que as práticas e processos sociais não foram remodelados pelas mais diversas tecnologias.

---

A forma como fazemos jornalismo é mais rápida agora. A velocidade sempre esteve presente principalmente nas agências de notícias, mas agora está por tudo. Não importa se é um jornal ou uma agência de notícias. Quero dizer ao vivo, relatos ao vivo. Era como a versão mais antiga dos jornais, o teleprinter chegava às agências de notícias e mudava tudo. Mas primeiro, quando comecei, não havia telefones celulares. Os únicos que tinham celular no final dos anos 80 eram os fotógrafos dos jornais, tinham celular no carro (LARSSON, 2023).

Os smartphones, nas relações entre jornalistas, também ocupam uma função de apoio as práticas cotidianas. Julius Harro, por exemplo, destaca que toda a pesquisa realizada em seus trabalhos é feita a partir dos dispositivos móveis. Além disso, destaca-se também a importância que há nas redes sociais. Tornou-se cotidiano e parte do trabalho jornalístico checar as notificações e publicações nas principais redes sociais. Os smartphones, nesse caso, são parte importante dessa vigilância de dados.

Quando eu trabalhava com online eu usava meu smartphone para ver como ficava no app, porque quando falamos de online nós não produzimos só para o site, mas para o app também. Então essa é uma parte importante, mas também temos produtores. Em termos do meu trabalho atual de rádio, o telefone é muito importante, eu diria, porque estou trabalhando na tela com meu computador, mas se tiver que fazer pesquisas rápidas sobre os tópicos, uso meu telefone. Também uso para redes sociais, claro, onde muitos assuntos são discutidos ou até mesmo levantados através das redes sociais. Então eu faço isso com o meu telefone. Instagram, Twitter. É sempre uma boa fonte para mim, mas, acima de tudo, acho que é a principal fonte de onde recebo minhas notícias. Não ouço muito rádio, leio jornais no escritório, mas tudo o mais posso fazer no celular. Então, para obter informações eu mesmo e me manter informado. Este é o meu dispositivo de escolha (HARRO, 2023).

Marten Eidevall, editor de redes sociais do Sveriges Radio, destaca a dificuldade em explicar para os jornalistas a importância de se pensar na construção de conteúdos que serão consumidos em dispositivos móveis como, por exemplo, os stories do Instagram. De acordo com o profissional, há uma determinada resistência por parte dos repórteres que estão se acostumando com o processo de produção para diversos meios aos poucos.

Nos últimos dois anos, eu definitivamente diria que demorou um pouco para nós (nos acostumarmos a produzir conteúdos para dispositivos móveis). Continuamos fazendo um plano. Na maioria dos dias ou como postagens regulares no Instagram, mas a maneira como você se apresenta no Instagram não precisa ser a mesma todos os dias. Mas, sim, temos colocado e os repórteres sabem que têm que produzir alguns vídeos ou fotos para podermos usar nos próximos dias. Eles têm que aprender uma maneira de fazer isso e seu truque pois quando você faz rádio é muito aqui e agora, mas você tem que ser mais atemporal. Tem sido complicado explicar aos repórteres porquê isso é importante, porquê estamos fazendo isso. Eu tenho que explicar porquê estamos colocando tanto tempo no Instagram, mas eles finalmente estão vendo.

---

Porque quando eles se olham no Instagram, eles se acostumam e meio que gostam e esse é um bom portfólio deles (EIDEVALL, 2023).

O que percebemos, portanto, é um jornalista multimidiático que deve produzir e pensar conteúdos para diversos nichos de mídia: rádio, televisão, internet, redes sociais, etc e que usa as redes sociais como uma ferramenta de pesquisa e métrica de resultados publicados pelos jornais. Em um primeiro momento, o que nos chama a atenção é a presença de redações de jornalismo que se estendem para o ambiente virtual, ou seja, não estão somente em um espaço físico. Todos os entrevistados afirmaram que suas redações possuem grupos/ferramentas que podem ser acessadas virtualmente. O Dagens ETC, por exemplo, possui grupos subdivididos por editorias e um grupo geral da redação no Skype. Enquanto isso, as redações do T&T, Sveriges Radio e WDR possuem grupos de trabalho no Microsoft Teams.

Um dos fatores que acelerou o processo em utilizar os espaços de redações em aplicativos foi a pandemia de Covid-19. Clara Lee destaca que é possível, no Dagens ETC, trabalhar de forma híbrida. De acordo com a jornalista, eles são obrigados a comparecerem na redação física apenas dois dias na semana. Em outras palavras, a redação física não é mais um espaço essencial para a prática jornalística cotidiana.

Eu acho, mas o que acontece, agora a gente está autorizado a trabalhar de casa. A gente precisa trabalhar dois dias na redação física e no resto do tempo podemos trabalhar de casa ou em outro lugar. Eu acho que (... pausa de um tempo) A gente está usando o Skype, que eu acho muito *old school*, a gente está usando isso como um meio de comunicação com mídias e chats. Então, talvez, no meu caso, no meu trabalho, a gente já estava acostumado a comunicar muito pelo skype e pelo telefone e tal. A mudança não foi tão radical assim, agora eu estou trabalhando com cultura e eu escrevo coisas com um ponto de partida mais filosófico, sei lá, talvez eu não precise. Agora uma pessoa que trabalha com notícias muito mais atuais aí eu acho importante ir na redação para poder ver e trabalhar, só que eu não vejo isso como algo necessário assim. Eu vou lá para outros motivos, mas não é algo como se eu não vou lá eu não consigo realizar o meu trabalho (LEE, 2023).

Signe Lidén, editora do Dagens ETC, destaca que a ferramenta do Skype já existia no jornal antes da pandemia, mas que o uso do aplicativo foi amplificado durante a crise de saúde. Ainda segundo a jornalista, o espaço é utilizado para interações entre os jornalistas na redação<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Trabalharemos a questão das interações nas redações em aplicativos mais para frente na discussão do artigo.

---

Eu acho que isso é ótimo. Temos o Skype como ferramenta o tempo todo, desde antes da pandemia. Porque não temos repórteres apenas em Estocolmo, temos em Helsingborg também. Então, sempre fomos meio híbridos. As reuniões matinais em que os editores e repórteres discutem o que levar nos próximos dias sempre foram em vídeo e físicas. Portanto, isso não é uma mudança durante a pandemia. Mas temos um grande bate-papo para todas as pessoas que trabalham para Dagens ETC e falamos principalmente sobre “Oh, você viu essa notícia” ou “houve um ... como você chama, posso encontrar a palavra”. Mas coisas acontecendo. Então ou se você precisar do número de telefone do pesquisador. E, claro, um lugar de descontração (LIDÉN, 2023).

Outro ponto que surge das redações em aplicativos móveis é o próprio isolamento social do jornalista. Apesar de estar conectado 24 horas, os jornalistas sentem, em geral, que houve um deslocamento das relações sociais à distância. Não há uma maior proximidade entre eles e os dispositivos interacionais nas redações são reconfigurados. Sofie Axelsson, por exemplo, destaca que se sentiu isolada durante a pandemia pois só conversava com o chefe mais próximo.

Sim, mudou muito. Antes da pandemia eu trabalhava em um jornal local e nesse trabalho eu estava constantemente conversando com as pessoas do bairro e assim por diante que fechou e se tornou um tipo de trabalho completamente diferente que só podíamos ligar para quem quer que estivesse em nossa história. Comecei aqui na pandemia e isso também foi muito difícil porque não pude ver meus colegas e não consegui fazer amigos. Eu tive esse colega que conversou comigo, mas tipo, não é natural começar um novo tópico no skype e dizer “oi, tudo bem?” e ter uma conversa aleatória. Portanto, era principalmente uma conversa entre mim e meu chefe mais próximo e a reunião matinal. Então ficou muito mais isolada, eu diria (AXELSSON, 2023).

Nessa perspectiva, separar o pessoal do profissional se torna cada vez mais complicado para os jornalistas. Com as notificações 24/7 e as redações por aplicativos móveis é impossível se desconectar das informações correntes e do trabalho. Em suma, o que observamos com as entrevistas é que as relações simbióticas entre jornalistas e dispositivos móveis proporcionam, além da velocidade da prática jornalística, um fenômeno de redações de jornalismo híbridas que ocorrem em espaços físicos e virtuais, por meio de aplicativos como Microsoft Teams ou Skype. Nesse contexto, a midiatização aparece não apenas como ambiência, mas como estrutural nas práticas e processos sociais inseridos na rotina jornalística em que se mudam os sentidos e os discursos devido a conexão 24 horas dos profissionais. Além disso, parece haver uma presente crise psicossomática causada pela conexão constante e a necessidade de se atualizar por meio das redes sociais e dos aplicativos das redações online.

## REFERÊNCIAS

BORELLI Viviane. Fantini, Francieli. **O fazer jornalístico no contexto da midiática: os distintos estágios dos jornais gaúchos**. V SIPECOM, Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiática: um conceito em evolução**.

KERCKHOVE, Derrick. de. (2015). **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. *MATRIZES*, 9(1), 53-65. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p53-65>.

LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org). **Antropologia e Jornalismo: uma questão de método**. Editora Vozes, 3ª Edição, 2010.

NETO, Antônio Fausto. **A midiática jornalística do dinheiro apreendido: Das fotos furtadas à fita leitora**. *La Trama de la Comunicación*, vol. 12, 2007, pp. 117-132 Universidad Nacional de Rosario, Rosario Argentina.

NETO, Antônio Fausto. **Jornalismo: sensibilidade e complexidade** Revista Galáxia, núm. 18, diciembre, 2009, pp. 17-30 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil

ROSA, Ana Paula. **Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens**. *Revista Interin*, Curitiba, V.21. n.2.p.60-81, jul/dez; 2016.